



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Sobre a pequena burguesia

On the Petty Bourgeoisie

Autor: Maksim Górkí

Tradutora: Ana Carolina Barros Vasques

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Edição: RUS, Vol. 15. Nº 27

Publicação: Novembro de 2024

Recebido em: 25/08/2024

Aceito em: 20/10/2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.228073>

VASQUES, Ana Carolina Barros.

Sobre a pequena burguesia (Maksim Górkí).

RUS, São Paulo, v. 15, n. 27, pp. 190-207, 2024



Sobre a pequena burguesia

Maksim Górkí

Tradutora: Ana Carolina Barros Vasques*

Introdução

Maksim Górkí, cujo nome verdadeiro era Aleksei Maksímovitch Pechkov, foi um influente escritor e ativista político russo, conhecido por obras que denunciam as condições dos trabalhadores e as injustiças sociais de seu tempo.

Escrito em um período de intensa agitação política e social na Rússia, o artigo a seguir foi publicado pela primeira vez na revista *No posto literário*, em 1929,¹ e, depois, incluído na coletânea *Artigos jornalísticos*, de 1933.² Crítica direta à peque-

1 Na literaturnom postu, 1929, nomera 4-5, fevral'-mart. Acredita-se que o artigo tenha sido escrito bem antes, em 1907, conforme indicado em fontes acadêmicas e estudos sobre a obra de Górkí.

2 GÓRKI, Maksim, Publitsisticheskie stat'i, Leningrad: Lengikhl, 1933, p. 87-96.

* Mestre pelo Programa de Pós-graduação LETRA (2023) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), com a dissertação "A ironia do cotidiano – Os contos de Nadiéjda Téffi no exílio em Paris". Graduação com habilitação em Russo e Português pela USP. <http://lattes.cnpq.br/7484262738093472>; <https://orcid.org/0009-0003-4194-4964>; acbvasques@gmail.com

na burguesia por seu conformismo, fraqueza moral e falta de ambição, o texto faz parte de um projeto de análise mais amplo sobre a atmosfera social e política da época, destacando a forma como os pequenos burgueses reagem às mudanças e crises sociais, inclusive com relação ao tema da guerra e suas repercussões.

Por meio de linguagem contundente e irônica, o autor expõe as tendências do comportamento da pequena burguesia, que tende a se alinhar com as classes superiores por interesse próprio, ainda que não disponha do mesmo poder ou influência daquelas. O texto examina, assim, como os diferentes seguimentos sociais reagem às mudanças e como essas reações podem influenciar o progresso social, numa análise que reforça o compromisso de Górkí com a ideologia socialista e a crença na necessidade de transformações radicais para alcançar uma sociedade mais justa e equitativa.

O artigo é um dos textos mais representativos do autor, por tratar deste conceito tão relevante e, ao mesmo tempo, quase intraduzível da língua russa. A ideia, nada lisonjeira, aqui traduzida por “pequena burguesia” refere-se não apenas a uma classe social, mas a uma postura ideológica e comportamental adotada por determinado grupo de pessoas, a qual envolve atitudes medíocres, autocentradas, mecanizadas, mesquinhas e vulgares. Constitui, portanto, importantíssima referência teórica para a compreensão daquela porção da sociedade também retratada pelo autor na celebre peça *Pequenos burgueses* (1901), que, ao apresentar tensões internas e dinâmicas familiares, revela a hipocrisia dos personagens e a estagnação social que marca suas vidas. O protagonista e os membros de sua família são exemplos claros de uma classe social que, apesar da aparente prosperidade, encontra-se profundamente insatisfeita e inerte.

A importância deste artigo, tal como a da peça, reside em sua capacidade de oferecer uma análise penetrante da sociedade russa do início do século XX e propor, assim, uma profunda reflexão sobre questões que, passados mais de cem anos, permanecem atuais.

Sobre a pequena burguesia

Larissa Mikháilovna Reisner

O pequeno burguês é uma criatura limitada por um círculo restrito de hábitos de pensamento há muito desenvolvidos e, dentro dos limites desse círculo, raciocina de forma automática. A influência da família, da escola, da igreja, da literatura “humanista”, a influência de tudo o que é o “espírito das leis” e as “tradições” da burguesia, cria nos cérebros dos pequenos burgueses um dispositivo simples, semelhante ao mecanismo de um relógio. A mola que põe em movimento as rodinhas das ideias pequeno-burguesas é movida pela força gravitacional que atrai o pequeno burguês ao sossego. Todas as preces dos pequeno-burgueses podem ser resumidas, sem prejuízo de sua eloquência, em três palavras: “Senhor, tenha piedade!”

Enquanto exigência voltada ao Estado, à sociedade, e, num formato um pouco mais extenso, esta prece soa assim: “Deixem-me em paz, permitam-me viver como quero”.

Diariamente a imprensa lembra ao pequeno burguês e nele incute a ideia de que, se ele é inglês, isto significa que é a melhor pessoa do mundo; se é francês, também nesse caso, ele é o melhor; se é alemão, russo, não importa: justamente ele é a melhor pessoa do mundo. Mas, de um modo geral, este melhor cidadão do mundo “cultural” se parece muito com aquele selvagem que, à pergunta de um missionário: “O que você quer?”, – responde: “Trabalhar muito pouco, pensar muito pouco e comer muito”. O pequeno burguês é um caso patológico em que o forte domínio de uma técnica de pensamento por uma pessoa impede o desenvolvimento de suas ideias. Há casos em que o pequeno-burguês, devido à violência dos acontecimentos, assimila ideias a ele estranhas, mas que se lhe tornam fonte de sofrimentos, como doenças de pele ou mesmo pedras nos rins ou no fígado. Nesses casos, é muito comum que ele comece a medicar-se com analgésicos: religião, pessimismo, álcool, libertinagem, arruaça etc.

Para que tudo isso não pareça infundado, tomemos um exemplo. Há onze anos, por vontade de operários e de camponeses

russos indignados, colocou-se um fim ao extermínio em massa do povo, que, instaurado pelos soberanos da Europa para elevar seus lucros, durava quatro anos. O pequeno-burguês sofreu muito seriamente, tanto do ponto de vista físico, quanto do econômico, com o jogo criminoso e sangrento dos banqueiros e aventureiros políticos. O que estes sofrimentos trouxeram para a vida “espiritual” dos pequenos burgueses e como transformaram o automatismo do pensamento pequeno-burguês?

Não agregaram nada e não alteraram nem um pouco o trabalho mecânico habitual desse pensamento vazio. A pequena burguesia continuou convicta de que a religião é a base da moral e que, sem a religião, o Estado não pode existir, apesar de estar absolutamente claro que o Estado burguês é amoral, baseado no roubo, na pilhagem e na exploração cínica do povo trabalhador. Nos tempos da guerra, eles consideravam bastante natural para a vil empresa da matança mútua invocar a ajuda de seu deus, que lhes havia dado em mandamento: “Não matarás” e “Ame a teu próximo como a ti mesmo”.

Depois da guerra, o “humanismo” do pequeno-burguês permaneceu tão “filantrópico” no discurso e tão fora da realidade, como era antes da guerra; ele ainda é capaz de gritar em defesa da individualidade, mas é totalmente indiferente ao sofrimento e à opressão das massas. E a assustadora lição da guerra não mudou de modo algum a psique da pequena burguesia, da mesma forma que não mudou os hábitos dos mosquitos, das rãs e das baratas.

Os Estados capitalistas da Europa preparam-se ativamente para uma nova guerra. Os especialistas militares são unânicos em afirmar que a nova guerra será predominantemente química e que sua destruição e seus horrores superarão sobremaneira os horrores e a destruição da guerra dos anos de 1914-1918.

No jornal italiano “Il Mattino”³ de 15 de janeiro, o escritor militar – e, ao que parece, general – Douhet relata as palavras do almirante Bravetta: “O general-engenheiro Burloen calculou que, utilizando um aeroplano, bastariam 500 toneladas de

3 Jornal fundado em Nápoles em março de 1892, ainda é publicado nos dias de hoje.

gás fosgênio para que 10 mil hectares, ou seja, uma área equivalente à de Paris, fosse totalmente contaminada em meia hora.”

Diz o Coronel Blokh: “Uma bomba de 500 kg de fosgênio, ao penetrar uma casa, matará todos os seus habitantes. Ao explodir, a bomba forma uma nuvem de 100 mil metros cúbicos, que pode ter um efeito letal imediato. Se tomarmos uma rua de 30 metros de largura e 100 metros de comprimento, ela será contaminada por 35 metros acima do seu calçamento. Se o vento for favorável (!), todas as casas não calafetadas, na extensão de um quilômetro, serão contaminadas.”

O general Frye, chefe do abastecimento químico do exército norte-americano, declara: “Uma bomba de 450 kg de lewisite torna inabitáveis dez quarteirões de Nova Iorque e uma centena de toneladas deste produto encantador contamina toda criatura viva, água e alimento de toda a Nova Iorque por mais de uma semana.”

Lord Nalsburg, em 11 de julho, na Câmara dos Lordes, comunicou que 40 toneladas de arsênio matariam toda a população de Londres. “Também estão em desenvolvimento métodos de guerra bacteriológica. Buscam um micróbio que se multiplique rapidamente e um antídoto contra ele. Dessa forma, as pessoas infectadas terão de pedir o antídoto para curar-se e os inventores do antídoto estabelecerão suas próprias condições às pessoas que eles infectaram, por exemplo, com a peste.”

A imprensa europeia frequentemente divulga informações como essas sobre a próxima guerra. Os pequeno-burgueses europeus, é claro, leem esses artigos e deveriam compreender que são eles, seus filhos, esposas e velhos a serem envenenados por aqueles gases lá.

Se, em uma praça de Londres, Paris ou Berlim, um pequeno grupo de ladrões e bandidos começasse a debater publicamente sobre qual quarteirão seria melhor saquear e de que modo, a pequena burguesia provavelmente tentaria frustrar de alguma forma os modestos intentos destes cidadãos “socialmente perigosos”. Mas os intentos incomparavelmente mais

destrutivos de pessoas incomparavelmente mais criminosas e socialmente perigosas que discutem publicamente projetos de extermínio geral de dezenas de milhões de pessoas não são impedidos pela pequena burguesia.

Não vamos falar de “humanismo”. Seria de se imaginar que o instinto de propriedade e o senso de autoconservação provocaria nos pequeno-burgueses alarme e medo; seria de se imaginar que a inclinação orgânica do pequeno-burguês ao sossego o faria gritar: “Não quero a guerra!” Mas ele não grita.

Quando o poder Soviético propôs aos governos da Europa um projeto de desarmamento rápido e, em seguida, o desarmamento num período de quatro anos, é como se a pequena burguesia não tivesse ouvido essas propostas. É claro que ouviu, mas o automatismo de seu pensamento, reprimido e limitado pelas tradições, a fez tratar esta proposta humanista simples, clara e humana, no sentido pleno do termo, como irrealizável e fantasiosa.

Do mesmo modo, a pequena burguesia considerava muitas coisas irrealizáveis e fantasiosas, por exemplo: o navio a vapor de Fulton, a lâmpada elétrica de Iáblotchkov e um incontável número de diversas conquistas do intelecto livre e audacioso daquela força que cria cultura e que enriquece a vida.

O principal lema do pequeno-burguês é: “Assim foi, assim será”. O som destas palavras faz lembrar a oscilação mecânica de um pêndulo. A pequena burguesia certamente está se degenerando. Como um peixe, ela “apodrece pela cabeça”.

Fantasioso e inatingível é também considerado pela pequena burguesia o objetivo a que se propuseram trabalhadores e camponeses de pensamento revolucionário da União Soviética de: criar um Estado trabalhador, livre de abutres e parasitas. A imprensa soviética, ao diligentemente lavar roupa suja centenária em público, fornece aos pequeno-burgueses reservas abundantes de “alimento espiritual”, e o pequeno-burguês, alimentando-se de detritos podres, ganha vida, dá risinhos e piscadelas para os seus pares e cochicha: “Não vai funcionar. Nossa verdade prevalece.”

Eles podem se alegrar, afinal foram eles que sujaram e continuam a fazer sujeira; podem orgulhar-se das tralhas, da podridão e da imundície que o poder operário-camponês é obrigado a esfregar com escova de ferro — realmente, esta é a sua “verdade” pequeno-burguesa, este é o produto de sua obra secular.

Apesar de sua fé na piedade divina e na certeza sobre os encantos paradisíacos do “além”, apesar de todo o seu fingido “idealismo” verbal, o pequeno-burguês é um materialista excepcional e, antes de tudo, zela pelo seu bem-estar econômico terreno: comer muito, trabalhar muito pouco e pensar muito pouco”. Por isso ele murmura, balbucia e geme: “Há menos açúcar, menos ovos, menos manteiga...”

Ele certamente se esqueceu de que tudo em geral já havia diminuído em 1916 e que quase toda a “provisão alimentar” desapareceu nos anos em que os generais brancos e os “líderes espirituais” da pequena burguesia, fazendo todo o possível para “salvar a Rússia”, exterminavam o povo operário e destruíam a sua economia. É como se a pequena burguesia não soubesse que, por exemplo, a marcha de Napoleão sobre Moscou foi brincadeira de criança se comparada às marchas de Kornílovs,⁴ Deníkins,⁵ Koltchaks⁶, Wrangels⁷ e outros patriotas raivosos, inspirados pelos altamente cultos “patriotas das casas senhoriais” e pelos diversos “idealistas” da propriedade privada. O fato de a economia dos países, destruída após sete anos de guerra, estar sendo restabelecida num âmbito mais

4 Lavr Gueórguievich Kornílov (1870-1918) - oficial de inteligência militar, explorador e general do Exército Imperial Russo durante a Primeira Guerra Mundial e a subsequente Guerra Civil Russa. Famoso pelo fracassado “Golpe de Kornílov” entre agosto e setembro de 1917, que tinha como objetivo reforçar o governo provisório de Aleksandr Kerenski. No entanto, esse movimento acabou resultando na prisão de Kornílov por Kerenski, que o acusou de tentar um golpe de Estado. O evento acabou enfraquecendo o governo de Kerenski e fortaleceu as posições do Partido Bolchevique.

5 Anton Ivanovich Deníkin (1872-1947) - tenente-general do Exército Imperial Russo e um dos primeiros generais do Exército Branco na Guerra Civil. Foi o responsável por tentar estabelecer um governo civil em uma das partes ocupadas por ele durante a guerra, o então governo sul-russo.

6 Aleksandr Vassílievich Koltchak (1874-1920) - comandante naval russo e antigo líder de parte do Exército Branco durante a Guerra Civil russa.

7 Piotr Nikoláievich Wrangel (1878-1928) - barão e general do Exército imperial russo, tornou-se líder do Exército Branco durante a Guerra Civil Russa.

amplo e por formas tecnicamente mais avançadas do que foram até 1914, isto o pequeno-burguês não quer ver. Indiferente a tudo o que não o afeta pessoalmente, preso no círculo das avaliações de sempre, ele chia: “Havia mais... “Diminuiu”. E fecha ainda mais os olhos para o fato de que, na União Soviética, está crescendo o número de pessoas sensatas e de trabalhadores cultos, puxados pela massa operário-camponesa. Esse fenômeno lhe é prejudicial em todos os sentidos e certamente desfavorável.

O pequeno-burguês russo foi criado desde tempos imemorráveis para desconfiar da razão e até para hostilizá-la. A igreja tratou zelosamente disto e a literatura também tornou isso possível, até certo ponto. Desde a “Correspondência” de Gógol até os nossos dias, não encontramos muitos dentre os grandes escritores russos que apreciariam a força criadora da razão por seu mérito – de fato grandioso – perante a humanidade. Liev Tolstói, ainda no ano de 1851, escrevia em seus “Diários”: “A consciência é o maior mal que pode ocorrer a uma pessoa”. Mais tarde, em uma carta a Arsénieva,⁸ ele declara: “Uma mente grande demais é repugnante”. Toda a sua filosofia moral é permeada por essa convicção e ela refletiu-se também em seu colossal trabalho artístico. Dostoiévski também hostilizava a razão, escancarando diante das pessoas, de maneira genial e sarcástica, as forças destruidoras do irracional, as forças dos instintos. Para Leonid Andréiev, o pensamento era inimigo do homem, mas por outro lado ele o compreendia como um “princípio sensorial”, um tipo especial de emoção. Um dos escritores contemporâneos mais talentosos põe na boca de seu herói as seguintes palavras: “O pensamento, eis a fonte do sofrimento. Aquele que aniquilar o pensamento será exaltado na memória da humanidade.”.

É claro que o autor não responde pelos sentimentos, ideias e ações de seus heróis, desde que o autor não lhes sobre ao

⁸ Natalia Alekseiévna Arsénieva (1903-1997), poetisa e tradutora bielorrussa, é autora do hino espiritual da intelligentsia bielorrussa, “Mahutny Boja”. Sua poesia dos primeiros tempos era marcada por intenso lirismo e reflexões filosóficas. Livre de ideais do realismo socialista, ela celebrava a beleza pura, as maravilhas da natureza e do amor. A partir da década de 1940, um forte sentimento patriótico passou a predominar em sua obra.

ouvido, não lhes imponha seus sentimentos e ideias – como fazia, por exemplo, Andréiev –, mas retrate objetivamente a inevitabilidade lógica do desenvolvimento desses sentimentos e ideias, como souberam fazer Stendhal, Balzac e Flaubert. Aqui não estamos falando deste ou daquele autor, mas de um fato muito significativo: adota-se esta atitude hostil ao pensamento, no momento em que o pensamento revolucionário, de forma genuína e profunda, organizando a vontade de uma nova classe, assimila a existência como um feito da razão, como trabalho e criatividade, como um processo cujo objetivo é reconstruir toda a cultura e toda a vida sobre as bases do coletivismo. E eis que, junto a este processo, evidencia-se claramente uma corrente hostil à razão. Não raramente, em livros escritos em tom de respeito e até de simpatia em relação à revolução, sente-se, talvez, uma involuntária e subconsciente tendência do escritor a reduzir o papel do pensamento e a mostrar sua impotência contra o que é “suprarracional” ou “subconsciente”. Se isto for bem feito, é instrutivo e, portanto, útil. Mas, ao que parece, existe alguma lei, por cuja força a grande maioria dos livros é mal escrita. Nesses livros, graças à fraqueza técnica de seus criadores, percebe-se muito facilmente a influência da pequena burguesia: ali ela produz “por dentro” seu gás também venenoso, apesar de pouco eficaz, mas ainda assim capaz de envenenar, sobretudo a juventude.

Há vários livros cuja leitura faz lembrar de uma velha anedota: o careca pergunta ao cabeludo: “Por que o senhor deixou crescer essa cabeleira tão farta?” E ele responde: “Porque de baixo dela meu crânio também é careca”.

A resposta não é tão espirituosa, mas é sincera. Há pessoas que se cobrem de uma grossa pelagem de frases revolucionárias, não para encobrir a nudez de seus crânios, mas para ocultar, às vezes de si próprios, o vazio de sua alma. É muito provável que seja exatamente sobre os livros dessas pessoas que um correspondente operário⁹ de Donbas escreve:

9 No contexto da União Soviética, o movimento “rabselkor” refere-se à participação de representantes da classe trabalhadora e dos camponeses na imprensa, além de suas intervenções em rádio e televisão, sendo fundamental para a propaganda bolchevique. Os membros do movimento eram conhecidos como “rabkor” (correspondente trabalhador), “selkor”

“Você abre um livro, lê meia dúzia de paginazinhas e é tedioso. As palavras são nossas, mas não há substância nelas. Eu tenho livrinhos assim – ergue-se o pó, o sininho toca, Aleksandr Zakháritch vai indo. Havia entre nós, no uezd Lipetski, o comissário de polícia rural Aleksandr Zakháritch, um bêbado bonachão que bebia conosco, a juventude, jogava palito e depois começava a insultar o tsar, e a nós também: ‘Malditas almas, deveriam rebelar-se de uma vez, desse jeito não são nem uma coisa nem outra, vive-se alarmado.’ Ele queria uma Constituição, dizia que com ela até para o tsar a vida seria mais fácil.”

Citei este trecho de carta não porque ele mostre um jogo de ideias interessante e imaginativo de alguém da massa operária, mas para indicar que as massas já começam a sentir muito sutilmente a falta de sinceridade num livro. Claro que isto não é novidade, mas não custa lembrar. Sim, a pequena burguesia está crescendo, amadurecendo e cada vez mais recebem-se cartas em que as pessoas se lamentam:

“É penoso viver em uma atmosfera em que a pequena burguesia avança triunfante.” Quem escreve isto é uma velha mulher das letras sem partido – e ela não é a primeira entre os sem partido a perceber que o pequeno-burguês arruína completamente a atmosfera. Outro correspondente, também sem partido, resmunga de modo engraçado: “Compuseram um hino, pedem para ter pena do ‘comerciante privado’, essa mesquinharia.”

Aos poucos, a pequena burguesia arranja sua literatura, que “glorifica” o pequeno-burguês. Isto é feito de forma muito simples: o autor toma o miserabilíssimo Akáki Akákievitch, de *O Capote*, de Gógol, dota-o da psicologia de Ivan Ilitch ou da do herói de “Ideia” de Leonid Andréiev e, acomodando esta pessoa artificial no ambiente contemporâneo, é como se criasse um novo personagem. O pequeno-burguês lê e se deleita: “Eis as ‘experiências sensitivas profundas’ que posso ter!” O velho conhecido Makar Dievuchkin [de *Gente Pobre*] e uma

(correspondente rural), “krestkor” (correspondente camponês), “aulkor” (correspondente de aldeia) e “rabselkor”.

porção de outros *Humilhados e Ofendidos* já ressuscitaram dezenas de vezes em novos livros, mas eles não sofrem tanto à moda Dostoiévski, mas porque “há pouco melaço, poucos ovos e pouca manteiga”.

Cada vez mais aparece na literatura contemporânea “uma individualidade ímpar”, a preferida da pequena burguesia: o indivíduo que anseia por uma absoluta liberdade para revelar o seu próprio “eu” e não deseja ter nenhuma relação com a realidade, que ele despreza. Depois de ler um livrinho sobre um herói criado com material de nossos grandes mestres da palavra, o pequeno-burguês contemporâneo cai numa espécie de êxtase sagrado diante de si mesmo e escreve uma carta para alguém, com o seguinte autorretrato:

“Toda a minha trajetória de vida é individual, única, inimitável, pois ninguém mais no mundo nem na vida irá repetir esse percurso, essas etapas, assim como antes de mim ninguém o fez.”

E ainda vá lá se o êxtase por esta tripla exclusividade se expressar apenas numa carta: às vezes ele escreve um livro inteiro, em que se podem encontrar estas “revelações”:

“Meu processo criativo era para mim mais inebriante que o vinho, mais forte que o amor, mais doce que o sono.”

Sem se perturbar com a gramática duvidosa desta frase, ele prossegue:

“Não posso convencer os cétricos, que consideram o artista uma pessoa comum, de que, nos minutos de ‘embriaguez criativa’, tornei-me superior a uma pessoa comum e tudo conheci. Oh, se eu fosse um legislador! Escreveria um artigo de lei concedendo ao artista a prerrogativa de correr por trens e aviões, para seu olhar agudo poder penetrar o espaço da terra.”

O autor não é capaz de perceber o quão ridículo e ingênuo é o desejo de efemeridade e de superficialidade que seu disparatado herói expressa tão fortemente, com a aprovação do autor. A crítica também não percebe isso; os autores já se auto reverenciam como “aristocratas espirituais”, os magnânimos editores consideram tudo isto muito bom e oferecem ao leitor cada vez mais palha verbal, enquanto os críticos, consumidos

por brigas internas e pelo endireitamento da linha ideológica, mal veem que o pequeno-burguês está se infiltrando “cem por cento” na literatura.

Embora a mentira ainda exista, só a verdade pode se aperfeiçoar. A mentira fortaleceu-se naquelas posições por ela criadas nos tempos remotos; não evolui, não se torna mais astuta e revela cada vez mais sua frágil vulgaridade. Vejam que já se passaram uns cinquenta anos, mas o pensamento burguês não criou quaisquer novos “sistemas de filosofia social” – sistemas que sustentassem de forma suficientemente convincente para a burguesia que, precisamente ela, a burguesia, foi criada pela natureza, por Deus e pela história para governar o mundo. Após a tentativa desesperada e malsucedida de F. Nietzsche de provar que a vida não tem sentido, que a mentira é necessária e que não há nada de antinatural, nada de vergonhoso no fato de “o homem ser o lobo do homem”, o livro de Spengler *O declínio do Ocidente* e outros livros semelhantes falaram abertamente sobre o esgotamento intelectual e volitivo da burguesia e o fato de a mecanicidade e a inércia de seu movimento ao longo do caminho para a degeneração final ter sido estabelecido. São muitas as provas deste fato, além das apontadas em *O Declínio do Ocidente*. Antes completamente estranhas a ela, tornam-se cada vez mais nítidas na literatura europeia ocidental as influências, por exemplo, de: Tolstói, Dostoiévski e o ridicularizado Ibsen. Suas personagens femininas das obras *Uma casa de bonecas* e *A Dama do Mar* e outras mulheres tornam-se, cada vez mais, heroínas de romances e dramas da Inglaterra, França, Alemanha, e isso atesta o fato de que a “base do Estado” – a firme família burguesa – está desmoronando. Cada vez mais, os literatos do Ocidente representam “a mulher livre”, que rompe corajosamente as tradições pequeno-burguesas em prol de uma vida independente. Esta é uma “emancipação” não por palavras, mas por ações: a mulher torna-se chefe de grandes corporações, entra no jornalismo, na política e em aventuras especulativas. Na Alemanha, a doutora em filosofia Eleonora Kun prega a “ginecocracia” - o poder das mulheres. E, em paralelo, cresce a libertinagem sexual, o “amor” entre pessoas do mesmo sexo é quase reconhecido como um fato natural, as revistas

o publicam e dele fazem propaganda, há clubes e restaurantes “homossexualistas” que funcionam legalmente, a criminalidade aumenta em meio à grande burguesia, crescem também os suicídios dentro dela. A imprensa burguesa divulga tudo isso com indiferença quase todos os dias. E da mesma forma que isto começa dentro de nossa pequena burguesia, os escritores da Europa Ocidental criam seus heróis a partir do material daqueles artistas e sábios, tais como Stendhal, Balzac e outros, que há muito perceberam a mentira na realidade burguesa. Vale notar o crescimento de uma atitude crítica em relação às condições modernas da vida social, crescimento especialmente rápido entre os literatos dos Estados Unidos da América do Norte.

A verdade cresce e se aperfeiçoa como uma verdade científica que rapidamente conduz os trabalhadores ao domínio sobre as forças da natureza e como uma verdade da consciência, por parte das massas trabalhadoras, de sua primazia social e de seus direitos políticos. Contra estas duas forças criadoras, que no futuro imediato da União dos Soviéticos deverão fundir-se numa só, contra esta força, a velha mentira social não pode avançar em nada, não pode defender-se com nada, exceto armas e gases tóxicos, devendo estes últimos serem entendidos como tais, mas também como a “ideologia” da pequena burguesia.

A ideologia e a moral dos pequeno-burgueses buscam vincular a vontade e a mente do homem o mais forte e firme possível na direção do coletivismo. Entre nós, essa moral está se destruindo e desaparecendo, num processo muito grosseiro e doentio: a pessoa tem de lutar contra o seu meio e contra si própria. Isto dá origem a um fenômeno triste, mas, ao que parece, inevitável: entre pessoas com objetivos comuns, futuros colegas de trabalho, nota-se a negligência nas relações, a insensibilidade, o menosprezo pelos méritos uns dos outros, além da ênfase maliciosa e precipitada sobre os defeitos. É comum que os coletivistas por convicção ajam de forma excessivamente individualista nas relações pessoais com os companheiros e principalmente com as mulheres. Isto, claro, é

uma herança doentia da pequena burguesia. Mas uma pessoa não é capaz de renascer em 10 anos e, nesse período, produzir uma nova moral, novas “regras de comportamento”.

No entanto, me parece que já está hora de começarem a produzir uma higiene biossocial que, quem sabe, também venha a se tornar a base de uma nova moral. O ponto de partida deste processo deve ser o desejo consciente por uma união mais estreita e amistosa entre as pessoas, a quem se impõe uma grandiosa tarefa: reeducar algumas dezenas de milhões de pequenos doninhos de casa para serem trabalhadores cultos e construtores conscientes de um novo Estado. Será que é preciso dizer que a missão da crítica e da publicística é exatamente promover o desenvolvimento desta higiene, do trabalho de humanização das pessoas, da luta contra o renascimento da venenosa “ideologia” pequeno-burguesa e contra a glorificação dos “humilhados e ofendidos” pequeno-burgueses?

O herói dos nossos dias é a pessoa das “massas”, o trabalhador braçal da cultura, o membro comum do partido, os correspondentes operários e camponeses,¹⁰ o correspondente de guerra, o responsável pela izbá-tchitál’nia,¹¹ o representante de organizações de trabalhadores, o professor rural, o jovem médico e o agrônomo, o agricultor “experimentador” e o ativista, o operário-inventor, em suma, alguém das massas! Às massas, à formação de tais heróis dentro delas é que é preciso prestar a máxima atenção.

Chega a ser um pouco constrangedor ter de lembrar disso, mas me parece que é preciso lembrar. Em nosso país publicam-se mil ou quem sabe até mais revistas; seu número cresce a cada dia e há muitas semelhanças de conteúdo e objetivos. Na enorme maioria dos casos, a compreensão destas revistas não é acessível ao leitor das massas, para quem até hoje a absolutamente necessária “História da guerra civil” e a não menos necessária “História do desenvolvimento das classes

10 A palavra utilizada por Górkí aqui é “rabselkor”. Ver nota n. 9.

11 As “Izbás-tchitál’ni” eram instituições culturais e educacionais que funcionavam como centros de atividades culturais nos vilarejos da Rússia imperial e da URSS. O “izbátch”, palavra utilizada por Górkí aqui, era o responsável por esse espaço, um trabalhador cultural rural.

na Rússia” ainda não foram escritas. Está na hora de apresentar ao leitor das massas o progresso do desenvolvimento das ciências e da técnica.

Já não se pode educar as pessoas com folhetos magricelas: elas desdenham deles, exigem “livros grossos, mais sólidos”. Há poucas revistas para o leitor das massas. A meu ver, aquilo de que tratam os jornais “Operário” e “Camponês” é ótimo, mas é preciso ir além. Para o camponês, é preciso uma revista que lhe apresente o cotidiano do Ocidente contemporâneo, a vida de sua burguesia, e que lance luz, ao lado disso, sobre o cotidiano dos trabalhadores. As massas precisam de muito. Confirmo que lhes dão poucos livros. Elas não precisam do alimento adocicado da literatura eloquente, elas necessitam do pão farto da verdade, narrada com nitidez e clareza, sobre a vida do mundo contemporâneo, sobre a luta do povo trabalhador por um futuro melhor em todos os países.

O companheiro Giga,¹² organizando o “ensaísmo”, demonstra que entendeu bem a demanda do leitor das massas por um conhecimento sobre a vida na União dos Sovietes. Dificilmente os “cidadãos mecânicos” perderão a oportunidade de acusar-me de ser “contra a liberdade de expressão, a individualidade” e outras tradições sagradas. Sim, sou contra a liberdade, a partir do limite em que a liberdade se converte em licenciocidade, e, como se sabe, essa conversão começa no ponto em que a pessoa, perdendo a consciência dos seus reais valores socioculturais, cede espaço demais ao velho individualismo burguês nela oculto e grita: “Eu sou tão fascinante, original e incomparável, mas não me deixam viver como quero”. E ainda vá lá se ele se limitar a gritar, porque quando começa a agir conforme sua própria vontade, por um lado se torna contrarrevolucionário e, por outro, um valentão, o que é quase o mesmo: infame e nocivo.

Provavelmente não agrada a os camaradas que eu aponte a abundância de revistas soviéticas eruditas inacessíveis às massas e, creio eu, pouco lucrativas. Mas, o que fazer, então?

12 Ivan Fiodorovitch Jiga (1895-1949), escritor e ensaísta soviético, participou ativamente das revoluções de fevereiro e outubro de 1917. Foi um dos primeiros funcionários do jornal Pravda e membro do Sindicato dos Escritores da URSS desde o ano de sua fundação.

Não sou o único a notar essa mórbida obesidade de papel e não sou o primeiro a dizer que as massas não são servidas pela literatura de forma suficientemente hábil e bem-sucedida. Relembro:

Guiz,¹³ dai-nos mais revistas:

Elas geram mais leitores...¹⁴

Mas não me parece que nossas revistas levem suficientemente em conta o nível de compreensão do leitor de massa, nem que sejam capazes de enriquecer seu conhecimento tanto quanto deveriam.

Enquanto isso, em gerar polêmicas elas são muito bem-sucedidas e mesmo que você seja uma pessoa relativamente alfabetizada, nem sempre compreende qual é o problema. Por que o camarada Z polemiza com o camarada X, como se fossem inimigos? De onde vem esse tom estranho e descabido de ressentimento pessoal, e por que eles despejam com tanta fúria uns nos outros a água fervente do egocentrismo.

Por que, diante dos inimigos, é necessário demonstrar contrariedade, mesmo de caráter terminológico, de uma forma que revela entre os polemistas uma clara falta de respeito mútuo e, ao mesmo tempo, uma falta de cultura?

Diante de mim, há uma fileira de livros sobre os temas das desavenças literárias. Os velhos marxistas, polemizando com a crítica burguesa e expondo as tendências desta, souberam fazê-lo em tom calmo, razão pela qual seus artigos ganharam muito em termos de persuasão. Não se pode dizer que os

13 Acrônimo de "Gossudarstvennoe Izdatel'stvo RSFSR" - editora estatal soviética fundada em Moscou em 1919 e extinta em 1930. Durante sua existência, unificou diversas editoras e desempenhou funções regulatórias e de controle no setor editorial.

14 Os versos parodiam um trecho do poema "No ano novo de 1828" de Piotr Andréievitch Viázemski, que já então destacava a importância das publicações literárias para o desenvolvimento da leitura e da cultura:

[...]

Deus, dai-nos mais revista:

Elas geram mais leitores.

Onde há apetite por leitura,

Ali a gramática e a pena são respeitadas.

[...]

jovens críticos tenham seguido esse exemplo, “endireitando a linha ideológica” reciprocamente – linha que, em seu cerne, tem por qualidades a perfeita franqueza e a clareza. Em seu fervor, a jovem crítica perde de vista que sua eloquência prolixa frequentemente obscurece “a linha principal” e que suas polêmicas também são pouco acessíveis à compreensão das massas jovens, principalmente as provincianas. Cada vez mais se ouvem queixas contra a “incompreensibilidade”, a “confusão” e as “contradições” da crítica literária.

“Eles lá em Moscou falam entre amigos, como se não houvesse ninguém no mundo além deles”, escreve dos Urais um literato “iniciante”. Outro ironiza: “Cada qual afirma ser o marxista mais ortodoxo; no fim das contas, são todos ortodoxos, então por que discutir?”

Não são raras as declarações deste tipo. Uma delas é especialmente característica: “Para nós, correspondentes operários,¹⁵ é difícil orientar-se entre as dezenas de artigos. Se nos dessem algum *vademecum* semelhante ao *ABC do Comunismo*¹⁶ de Bukhárin¹⁷ sobre os principais tópicos da história literária, então seria mais fácil entendermos essas divergências subjetivas.”

Não seria mais prático e útil se os críticos começassem a resolver as discordâncias de grupo e as pequenas discussões nas conferências em vez de nas revistas, onde artigos escritos “em estado de exaltação e irritação” são tão frequentes e sempre inadequados? Parece-me que a convocação de pequenas conferências de críticos e escritores para conversas entre camaradas sobre as questões da literatura já está sendo ditada pelo “espírito do tempo”.

15 Ver nota n. 9.

16 Escrito por Nikolai Bukhárin e Evgeni Preobrajenski em 1920, o livro teve importante papel na divulgação programática do Partido Comunista da URSS e foi o primeiro manual marxista voltado à formação política dos comunistas após a Revolução de 1917.

17 Nikolai Ivanovitch Bukhárin (1888-1938) - revolucionário bolchevique, político soviético, filósofo marxista e prolífico autor sobre a teoria revolucionária, também foi editor do jornal Pravda por mais de duas décadas. Quando do início do Grande Expurgo sob o regime de Stálin, foi acusado de conspirar para derrubar o estado soviético e preso em 1937. Depois de um julgamento teatral, foi executado em 1938.

Referência bibliográfica

ГОРКИЙ, Максим, Публицистические статьи.
Ленинград: Ленгизл, 1933, pp 87-96.